

## TEXTO JOSÉ BARATA-MOURA

### NA APRESENTAÇÃO DE UM LIVRO DE ANTÓNIO AVELÃS NUNES

1.

Agradeço aos Organizadores o convite para esta fala, e ao Autor a matéria para o discurso<sup>1</sup>.

A precisar de rótulo, poderia esta charla intitular-se: Como em qualquer *recente* pulsam revivescências do *antigo*.

O dispositivo histriónico não é nenhuma novidade, mas a imaginação do cómico – ainda por cima, sem graça – não dá para voos a maior altura.

2.

Há quem imagine – mesmo do lado esquerdo da rua – que só importam... as questões «de actualidade».

E como nesta pendência, de ordinário, a poupança atinge sobretudo o esforço da reflexão e as maçadorias do estudo, a pendente inclina a que tacitamente entendam por «actualidade» o temário que se ventila no *achoquismo* televisado, ou a mexeriqueice que se remexe, e «partilha» em rede, nas nuvens *informáticas* da socialidade isolada.

De outras bandas – onde a familiaridade com o pensar não é menos aparente –, sentenciam os «axiólogos» de poltrona, e outras almas em escandalizado alarme pela «falta de Valores», que apenas aquilo que se revista das insígnias do «eterno» importa como questão.

Para uns, a «badalação» devém o critério da «actualidade», com flagrante olvido da mecânica subjacente ao estabelecimento das agendas dominantes.

Para outros, a «relevância» propende a despedir o *tempestivo*, que obriga ao enfrentamento das dialécticas do devir.

E só não ficamos conversados, porque esta conversa ainda tem que continuar...

---

<sup>1</sup> O presente texto serviu de base à apresentação do livro de António AVELÃS NUNES, *Do Capitalismo e do Socialismo. polémica com Jan Tinbergen, Prémio Nobel da Economia* (Lisboa, Página a Página, 2017, 146 pp.), efectuada na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, em 3 de Julho de 2017.

3.

As questões importantes são aquelas que defrontam o *questionamento* dos tempos: vendo *a tempo* o que se está a passar, para com *tempestividade* influir.

Neste sentido, são *actuais* – mesmo quando de um pretérito oriundas – todas aquelas questões que, mais além do testemunho, nos interpelam o viver, e contribuem para a iluminação pública dos caminhos.

Em rigor, é uma *actuância* tomada a cargo que confere *actualidade* a um assunto determinado.

4.

Andou muito bem – e na contra-mão do tráfego à época geralmente consentido – Avelãs Nunes quando, em 1971, elaborou um contra-pé às divagações de Jan Tinbergen pelo confucionismo conceptológico, e, no ano seguinte, reuniu em volume a nota e o ensaio.

Muito bem andaram – ao compreender a persistência de traços na dinâmica, e o alcance perdurante do que fora escrito – os editores de *Página a Página*, quando, 45 anos volvidos, voltam a dar à estampa estes textos.

Certamente andarão melhor acompanhados, todos aqueles que se entregarem à leitura deste livro.

5.

Trata-se, na verdade, de um *documento importante*.

Um documento importante, da situação – objectiva, e subjectiva – do *tempo* a que se reporta: submetido a condicionalismos de censura, correspondente a um estágio determinado de maturação do capitalismo, ilustrativo da pertinente batalha ideológica em curso.

Um documento importante, pela *valia intrínseca* do *exame crítico* desenvolvido: com profundidade no fundamento, sageza no entrecho, e consistência no articulado.

Um documento importante, com rico potencial de *projecção* para o debate de «doutrinas» que, transformadamente embora, estão longe de nos desamparar a loja, porque, recicladas (como o lixo), continuam a ser-nos vendidas nos engalanados lugares de hortaliça no mercado das ideias.

6.

Não foi o pobre Tinbergen que inventou, nem com ele infelizmente se extinguiu, a peregrina ilusão que certos espíritos acalentam de uma fantasmática «terceira via» de combinações, por complacente acomodamento sorrateiro à «via única».

No mínimo, é curiosa, e, em qualquer caso, caricata:

A concepção de um eufemístico «socialismo» que deixa subsistir *intocadas* as relações *capitalistas* de produção, para se comprazer, e descompôr, num desejo, e numa promessa.

No desejo, de uma entrada paulatina de «maior igualdade no sistema» (que, entretanto, deve permanecer *intacto*).

Na promessa, de «maximizar o bem-estar» dos membros de uma comunidade, a qual, obviamente, continuará dividida entre «os capazes» (de meter mais-valia ao bolso), e «os incapazes» (sem outro préstimo à vista que não seja o aluguer da força de trabalho: em que uma parcela não é paga, e que apenas ocorre enquanto o contrato fôr útil à valorização do capital).

Com «teorizações» deste gabarito, a desfaçatez gabarola progride, mas o «socialismo» não avança. Até porque o abuso da etiqueta se destina a garantir que o sítio *capitalista* não é evacuado.

7.

E uma pesada manta de silêncios cai, sobre aspectos que Avelãs Nunes destapa, exibindo a nudez dos corpos que as manobras semânticas escondem.

O insaciável afã da busca do *lucro* (por razões estruturantes, e não apenas «psicológicas») converte-se em benemérita resposta a «necessidades sociais» (muitas delas, artificialmente fabricadas, e restringidas, claro está, à procura solvente).

A rotunda «teoria da convergência» – um pregão da conjuntura – escova-se como aquele crioulo mestiço a que a defesa do capitalismo ameaçado recorre em maré-alta de apertos: para denegar aquilo que é, manter o que vai sendo, e induzir a prospectiva de que nunca deixará de ser.

A pente fino se despenteiam então os penteados ideológicos que embonecam a armadura:

do *Welfare-State* industrial (onde a exploração levaria um tecnológico sumiço), das prestações sociais aumentadas (para contracção dos salários directamente pagos pelas entidades privadas),

do capitalismo social-democratizado (pela subscrição «popular» de títulos em Bolsa),

da empresa resplandecente de «alma» (a *soulful corporation*, provavelmente: por *body and mind extortion*),

do desaparecimento da praga dos «patrões» (por subida ao palco de mesnadas de «manageiros», «clarividentes» e «impolutos»),

da pretensa «neutralidade» do Estado (que cuida do «bem comum», distribuindo selectivamente as rendas, e encaixando indiscriminadamente os prejuízos, que repercute depois na tributação e no engrosso da dívida, que «todos», bastante assimetricamente, hão-de «honrar»), etc., etc., etc.

E não falta sequer o aceno à desmontagem de certos «justicialismos» com voga, em momentos de corrupção assanhada e de indignação mal-dirigida: «Punam-se e substituam-se os homens, salve-se o sistema!» (p. 106).

8.

Nem a ponta levantei ao véu.

Porque a obra merece ser lida, e desfrutada nos laboratórios da inteligência. Para que tenha prolongamento nas lutas, das quais não desistimos de ser interventores.

Muito obrigado, António, pelos teus trabalhos passados, que nos enriquecem, pela ajuda, no trabalho do nosso presente, virado à feitura de um outro por vir.

Disse.

Lisboa, 3 de Julho de 2017.

José Barata-Moura  
(Universidade de Lisboa)